

**SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS
EPISTEMOLÓGICAS**Joana Brito de Lima Silva¹**RESUMO**

O artigo propõe um debate a respeito das apropriações das teorias clássicas da Sociologia pelas perspectivas contemporâneas, com o intuito de mostrar como se reconstruem constantemente os métodos e os objetos das pesquisas sociológicas. Assim, serão investigados certos referenciais da epistemologia moderna presentes nas teorias clássicas e sua influência sobre a atualidade. Trata-se de colocar sob suspeita os pressupostos epistemológicos de algumas teorias sociológicas, a saber: considerar a sociedade como uma realidade externa e objetivada, transformando os dados e os resultados obtidos nas pesquisas como verdadeiros e definitivos, e questionar a enganosa separação entre sujeito e objeto de pesquisa. Tal suspeita significa, também, repensar a própria noção de “sociedade” através de alguns autores contemporâneos com perspectivas teóricas diferentes (Luhmann, Latour, Taylor e Bourdieu). Enfim, busca-se indicar, sem pretensões de encerrar o debate sobre o tema, que a diversidade teórica e a renovação constante podem ser peculiaridades virtuosas da Sociologia.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia; Epistemologia; Sociedade.

1. INTRODUÇÃO

A Sociologia fundada pelos clássicos proclamava-se a *verdadeira ciência da sociedade*, capaz de explicar os fatos sociais sem recorrer à Filosofia ou à Psicologia². Apesar de defenderem a autonomia científica, as teorias sociológicas, herdeiras do Positivismo, sofreram influências da epistemologia moderna, ao considerarem o conhecimento como dado objetivo, obtido através das representações subjetivas sobre o mundo exterior. O legado moderno ainda hoje repercute na Sociologia ao levantar questões sobre como pesquisar os indivíduos e a sociedade: como analisar o social sem reduzir ou elevar o papel dos indivíduos? É possível desconsiderar a diversidade individual para pensar os aspectos da vida social? Como lidar com a subjetividade do pesquisador e o distanciamento em relação aos fenômenos estudados? Responder a tais questões é colocar sob suspeita a epistemologia moderna, que distingue sujeito e objeto, e as próprias noções de *sociedade* e de *indivíduo* empregadas pelos sociólogos³.

Nas primeiras metodologias sociológicas a sociedade e os indivíduos são tratados como se fossem realidades externas e objetivadas, transformando os dados e os resultados obtidos nas pesquisas como objetivos e verdadeiros.

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS EPISTEMOLÓGICAS

No entanto, não se trata de exigir dos clássicos uma postura diferente, já que eles estavam inseridos no contexto de ruptura com as demais ciências e filosofias para a fundação da Sociologia. Ao contrário de uma cobrança indevida e anacrônica, o que interessa, aqui, é mostrar algumas mudanças pelas quais passaram as teorias sociológicas nas diversas tentativas de legitimar seus fundamentos epistemológicos e compreender a vida social.

2. A SOCIOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DA VERDADE

As investigações científicas sofrem, constantemente, transformações metodológicas e teóricas; conseqüentemente, os parâmetros adotados em cada perspectiva também mudam para se adequar aos objetivos que se pretende alcançar. Segundo Thomas Kuhn, a ciência precisa sofrer revoluções paradigmáticas capazes de impulsionar a busca por conhecimento, apesar de não haver uma verdade fundamental a ser desvelada:

O desenvolvimento científico é, como a evolução darwiniana, um processo empurrado por trás em vez de puxado em direção a algum objetivo fixo do qual ele se aproxima cada vez mais. [...] se a noção de verdade tem um papel a desempenhar no desenvolvimento científico, e argumentarei em outro lugar que tem, então a **verdade** não pode ser nada muito parecido a uma

correspondência com a realidade.

Gostaria de enfatizar que não estou sugerindo que haja uma realidade não-alcançada pela ciência. Meu ponto é, ao contrário, que não se pode fazer sentido algum da noção de realidade como ela tem ordinariamente funcionado na filosofia da ciência (KUHN, 2006, p. 145 – grifos nossos).

Relacionando a postura de Thomas Kuhn aos propósitos dos primeiros sociólogos percebe-se que suas investigações representam a busca pela verdade através de novos instrumentos, pois não se trata mais de utilizar a Filosofia e a metafísica para atingir os resultados, mas propor outro direcionamento metodológico. A tentativa de ruptura das Ciências Sociais com a Filosofia ocorre com o Positivismo, método elaborado por Auguste Comte, responsável pela fundação da ciência da sociedade. Considerada uma “Física Social”, a investigação sociológica assimilava o padrão das Ciências Exatas e Naturais, defendendo a objetividade do conhecimento e a obtenção de teorias que atingissem o *status* de leis científicas. Ao fundamentar o Positivismo nas obras *Curso de filosofia positiva* e *Discurso sobre o espírito positivo*, Comte (1978) formula uma lei da evolução do pensamento social que expressaria a trajetória histórica do conhecimento: o primeiro estágio evolutivo é Teológico, superado pela fase Metafísica e atingindo o ápice com a Filosofia Positiva

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS EPISTEMOLÓGICAS

(Sociologia), pretensamente a ciência definitiva e de explicação totalizante, tendo por objetivo conhecer completamente a realidade social.

Segundo Comte (1978), a nova forma de investigação científica deveria se inspirar nos procedimentos das Ciências Naturais: observação, experimento e comparação. Nota-se que a aspiração positivista é conhecer os fenômenos sociais enquanto realidades exteriores aos pesquisadores, podendo estabelecer leis inscritas no funcionamento da sociedade e até controlar os resultados, no sentido de uma utilização prática do conhecimento: Comte defende aplicações das teorias que favoreçam a industrialização e o progresso econômico (capitalista) conciliado à ordem social.

A abordagem positivista pretende alcançar uma correspondência entre *verdade e realidade*, conforme a reflexão de Thomas Kuhn citada acima. O Positivismo defende que o conhecimento obtido corresponde efetivamente à realidade verdadeira *não alcançada* por outras ciências, mas encontrada pela Ciência Positiva, como se fosse um dado exterior aos cientistas. A abordagem positivista, de certa forma, influenciou o desdobramento de alguns enganos escondidos nas origens da Sociologia, na medida em que os resultados das

investigações científicas são considerados verdadeiros e definitivos. Quanto a isso, torna-se pertinente apresentar a crítica Kuhn às pretensões científicas: “As operações e medições que um cientista empreende em um laboratório não são ‘o dado’ da experiência, mas ‘o coletado com dificuldade’. Não são o que o cientista vê [...]; são índices concretos para os conteúdos das percepções mais elementares” (KUHN, 1982, p. 161). Nesse sentido, a metodologia positivista parte do pressuposto de que seria possível obter os dados diretamente da realidade. O engano consiste em considerá-los verdadeiros reflexos da realidade, enquanto seriam apenas resultados de procedimentos específicos, passíveis de revisões e alterações de acordo com as perspectivas adotadas.

Com a passagem ao século XX se intensificam as investidas para consolidação científica da Sociologia e o Positivismo é gradativamente superado por outras perspectivas. Atribui-se a Durkheim e a Weber, considerados sociólogos clássicos fundadores⁴, o reconhecimento e a legitimação das pesquisas sociológicas fundamentadas sobre métodos específicos das Ciências Sociais, sem a necessidade de utilizar parâmetros inadequados ao seu objeto de análise.

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS EPISTEMOLÓGICAS

Durkheim considerava a sociedade uma “realidade *sui generis*” (DURKHEIM, 1978, p. 157), exterior e independente, capaz de exercer uma coerção sobre os indivíduos; por isso, os fatos sociais deveriam ser estudados como *coisas*: “Estamos, pois, diante de uma ordem de fatos que apresenta caracteres muito especiais: consistem em maneiras de agir, pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem” (DURKHEIM, 1978, p. 48). Para Durkheim, a Sociologia se distanciaria da Filosofia, da Psicologia e da Biologia, abrindo seus próprios caminhos:

Assim, a Sociologia parece ser chamada a abrir um novo caminho para a ciência do homem. [...] desde o momento em que se reconheceu que, acima do indivíduo, existe a sociedade, e que esta não é um ser nominal e de razão, mas um sistema de forças atuantes, uma nova maneira de explicar o homem tornou-se possível (DURKHEIM, 1978, p. 182).

A sociologia de Durkheim segue rígidas regras metodológicas que conduzem o trabalho científico e delimitam o objeto de estudo: a sociedade formada pelos fatos sociais. Mas sua rigidez também provoca o surgimento de problemas epistemológicos, no sentido de que se estabelece uma distância (inexistente) entre o sociólogo e a sociedade. Surgem, então, muitas

dificuldades metodológicas, principalmente em relação à existência de um observador externo (sujeito/pesquisador) e à atuação limitada dos indivíduos coagidos pela sociedade (objeto pesquisado).

Contrapondo-se, indiretamente, a Durkheim, Weber procura solucionar tais problemas suscitados pela investigação sociológica, pois amplia a atuação do pesquisador, considerando a subjetividade um elemento metodológico indispensável. Weber inclui na Sociologia os pressupostos valorativos que atribuem sentidos ao conhecimento alcançado. O sociólogo não pode se considerar um observador externo, pois deve compreender os motivos e os valores implícitos nas ações individuais, além de assumir suas premissas subjetivas que determinam os rumos da pesquisa. O resultado esperado é a objetividade do conhecimento, sua validação mediante critérios de demonstrabilidade.

Não existe qualquer análise científica puramente ‘objetiva’ da vida cultural, ou [...] dos ‘fenômenos sociais’, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa (WEBER, 1979, p. 87 – grifos do próprio autor).

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS EPISTEMOLÓGICAS

Weber torna mais precisa a metodologia sociológica, afirmando que os sentidos (visões de mundo) não podem ser simplesmente colhidos como dados empíricos imediatos, mas devem resultar das elaborações do pesquisador em suas interações sociais. Seguindo uma sociologia compreensiva dos valores e interesses em jogo nas ações sociais, Weber se distancia dos resíduos positivistas inscritos na Sociologia:

O domínio do trabalho científico não tem por base conexões ‘objetivas’ entre as ‘coisas’ mas as conexões *conceituais* entre os *problemas*. Só quando se estuda um novo problema com auxílio de um método novo e se descobrem verdades que abrem novas e importantes perspectivas é que nasce uma nova ‘ciência’ (WEBER, 1979, p. 83-84 – grifos do próprio autor).

Após a consolidação das teorias clássicas, a Sociologia se estabelece como o conhecimento *objetivo* da realidade social, ou ainda, como resultado da visão de mundo *subjetiva* adotada pelo pesquisador para atingir resultados verdadeiros e definir conceitos e teorias a respeito da sociedade. No entanto, os conceitos e os métodos clássicos sofrem os efeitos do tempo, forçando os teóricos a acompanharem o curso histórico-social.

Apesar da importância dos fundadores da Sociologia para pensar as questões da atualidade, as teorias

sociológicas são reflexos dos seus contextos empíricos, sendo consideradas interpretações que sempre se renovam. Segundo Giddens, na “teoria social, algo como um novo capítulo se abriu quando, aproximadamente nos últimos vinte ou trinta anos, a divisão entre positivismo e hermenêutica começou a ser questionada” (GIDDENS, 1998, p. 20). A afirmação do autor indica o momento de transição sofrido pela Sociologia ao ser reorientada por perspectivas e abordagens diferentes, conforme conclui: “Não há, hoje, um ‘consenso ortodoxo’ que substitua o que foi utilizado de forma dominante até aproximadamente os anos 1970. Tampouco há uma desordem completa” (GIDDENS, 1998, p. 20-21). Considerando a vocação da Sociologia para a diversidade teórica e a renovação constante das teorias sociológicas, pode-se evocar, novamente, a tese de Thomas Kuhn, segundo a qual o conhecimento é movido por revoluções que impulsionam as mudanças científicas. Há, portanto, períodos de transição e reconstrução após as rupturas com os fundamentos estabelecidos anteriormente⁵.

3. REPENSANDO A SOCIEDADE: LUHMANN E LATOUR

Se a busca pela verdade define toda forma de conhecimento científico, a

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS EPISTEMOLÓGICAS

construção do objeto investigado conduz à criação dos conceitos que servem de referenciais para as pesquisas. Na Sociologia, o alvo das pesquisas e o conceito fundamental é o de *sociedade*. Visto que Durkheim e Weber partem do mesmo objeto de pesquisa (fenômenos sociais) percebe-se que os autores desenvolvem diferentes conclusões, de modo que o *social* pensado por cada um deles termina por se diferenciar. Tal constatação mostra que não há um objeto previamente colocado aos pesquisadores e sim uma construção dos objetos e dos conceitos. Embora os clássicos defendam suas teorias com segurança e certeza de que atingiram a verdade, os autores contemporâneos, por outro lado, já assumem suas teorias como perspectivas e possibilidades abertas a questionamentos e incertezas, sem o desejo de alcançar uma verdade única e definitiva.

Niklas Luhmann contribui para reforçar a ideia de que as teorias sociológicas se renovam de acordo com as mudanças sociais e através dos diferentes referenciais adotados pelos pesquisadores. O objetivo de Luhmann se assemelha às aspirações dos clássicos, uma vez que procura definir, novamente, o conceito de sociedade. No entanto, Luhmann não defende a predominância do social enquanto entidade exterior atuando sobre

os indivíduos e rompe com a noção de um observador externo dos fenômenos sociais; para tanto, o autor estrutura uma teoria dos sistemas:

A sociedade é o sistema social mais amplo de reprodução da comunicação através da comunicação. É um sistema autopoietico. Ela é um sistema fechado, auto-referencial, já que não existe nenhuma comunicação entre a sociedade e seu ambiente, por exemplo, entre a sociedade e pessoas que vivem individualmente. Toda comunicação é uma operação interna à sociedade, é produção de sociedade e se expõe como acontecimento empírico, não somente à continuação, mas também à observação através de outras comunicações (LUHMANN, 1997, p. 58).

Luhmann considera a sociedade como um sistema composto de outros sistemas, que podem ser diferenciados por meio da comunicação. De fato, o aspecto comunicativo é fundamental para o funcionamento dos sistemas, pois se trata de uma operação social envolvendo informação, mensagem e compreensão. A linguagem, portanto, não é um sistema nem uma estrutura (no sentido empregado pelos linguistas-estruturalistas), mas um tipo de instrumento que proporciona o “acoplamento estrutural” (LUHMANN, 1997, p. 84), ou seja, a linguagem permite o acoplamento entre consciência e comunicação, articulando as operações que ocorrem dentro do sistema.

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS EPISTEMOLÓGICAS

Nessa perspectiva, pode-se ver como a sociedade se ocupa de sua própria ideologia de autodescrição. [...] Por que surgem diferentes esquemas de compreensão sobre si mesma, ao entender-se como sociedade/comunidade, indivíduo/coletividade, para depois prescindir de tudo isso? [...] **A tarefa da sociologia consiste precisamente em poder responder como se chegou até aqui. Na realidade, nunca podemos ser observadores externos da sociedade** (LUHMANN, 2009, p. 100 – grifos nossos).

Ao declarar que a sociedade é um sistema *autopoiético*, Luhmann indica um caminho para solucionar o dilema de como explicar um objeto de estudo que não pode ser isolado e observado à distância pelo pesquisador. De acordo com o autor, “a sociedade é claramente um objeto que se autodescreve. Teorias da sociedade são teorias na sociedade sobre a sociedade” (LUHMANN, 1997, p. 77). Desse modo, percebe-se a mudança de perspectiva ocorrida nas teorias sociológicas em relação aos pressupostos epistemológicos – não se busca mais uma verdade objetiva, independente, mas a construção de conceitos capazes de alcançar uma explicação bem fundamentada, ou, nas palavras de Luhmann:

No lugar da exposição competente surge a rede recursiva das observações e descrições; e, no lugar da verdade objetiva, que pode ser conhecida e autoritariamente preconizada, surge a sequência temporal das respectivas comunicações e um procedimento de seleção evolutiva daquilo que, sob

condições em mudança, deve poder convencer (LUHMANN, 1997, p. 58).

Se Luhmann enfrenta o desafio de redefinir a noção de sociedade, elaborando uma teoria dos sistemas sob forte influência das transformações pelas quais seu *objeto* passava, Bruno Latour também defende uma reestruturação sociológica ao propor uma perspectiva diferente para compreender a sociedade, atualizando e revendo as discussões que dominaram a Sociologia. Segundo Latour, há duas tendências sociológicas dominantes: 1) a sociologia do social; e 2) a sociologia das associações (LATOURE, 2008, p. 24). A primeira tendência é representada principalmente por Durkheim e considera os fenômenos sociais como objetos externos ao sociólogo. A segunda tendência, sociologia das associações, investiga as interações que tornam possível a sociedade, ou seja, as relações construídas entre os indivíduos e as instituições, envolvendo as crenças, os valores, as disputas, etc⁶.

As tendências classificadas por [Latour] servem para delimitar seus parâmetros e referenciais, visando uma reordenação sociológica. Sua perspectiva propõe levantar questionamentos e controvérsias sobre as teorias sociológicas, distanciando-se da sociologia do social e

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS
EPISTEMOLÓGICAS

fortalecendo a noção de associações – apesar de não optar explicitamente por alguma tendência de modo definitivo, já que seu objetivo consiste em apontar as incertezas e conviver com as controvérsias. Ao defender o uso da Teoria do Ator-Rede⁷ como uma nova possibilidade capaz de escapar das reduções construídas pelas tendências anteriores, Latour afirma que não se trata de aderir, cegamente, à TAR, mas de propor um caminho a ser seguido com “passos de formiga”:

Temo decir que viajar con la TAR resultará algo terriblemente lento. Los movimientos se verán constantemente interrumpidos, interferidos, trastornados, y dislocados [...]. Los sociólogos de lo social parecen planear como ángeles, transportando poder y conexiones casi de modo inmaterial, mientras que el especialista en la TAR tiene que esforzarse como una hormiga, cargando con su pesado equipo para generar hasta la más diminuta conexión (LATOUR, 2008, p. 45).

Com esta declaração, Latour esclarece o seu posicionamento sobre as teorias sociológicas: a sociedade só pode ser compreendida através dos seus *rastros e vestígios* deixados pelos fenômenos sociais. Além disso, os pesquisadores não devem partir de pressupostos (ou preconceitos) consolidados para suas investigações; ao contrário, seguir com os “passos de formiga” significa não saber previamente os caminhos que serão percorridos e enfrentar as controvérsias

encontradas. As controvérsias indicadas por Latour (2008) são as fontes de incertezas que conduzem a própria reestruturação da Sociologia à pergunta final: é possível reconstruir o social? O autor mostra que as interpretações sociológicas precisam superar os enganos da sociologia do social, refletindo sobre como se formam as associações entre os indivíduos, considerando-os agentes/atores com capacidade reflexiva, e não como sujeitos manipuláveis ou simplesmente alienados, criaturas à espera do *esclarecimento* crítico-científico. Assim, “*la mejor definición de la sociología es que se trata de la disciplina en la que los participantes explícitamente se ocupan de reensamblar lo colectivo*” (LATOUR, 2008, p. 345), ou seja, toda investigação sociológica é uma forma de construir ou reconstruir a sociedade.

O desafio colocado para a Sociologia, desde seu nascimento até a atualidade, consiste em desenvolver perspectivas científicas eficientes para se firmar como uma ciência legítima e academicamente reconhecida, sem, contudo, repetir os mesmos enganos dos clássicos fundadores (positivismo e epistemologia moderna). Repensar algumas teorias sociológicas clássicas, conforme propõe este artigo, implica em investigar como alguns autores

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS EPISTEMOLÓGICAS

contemporâneos se apropriam dos conceitos já consolidados da Sociologia, ao mesmo tempo em que renovam seu quadro explicativo. Assim, as teorias de Niklas Luhmann e Bruno Latour contribuem para a renovação sociológica, mas também levantam novas questões: seria suficiente analisar a sociedade a partir dos sistemas e não das ações individuais, como defende Luhmann? Ou, conforme indica Latour, a noção de que as redes sociais são construídas pelos atores resolveria o dilema que opõe indivíduo e sociedade?

4. CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS INDIVÍDUOS: TAYLOR E BOURDIEU

Conforme já indicado, Luhmann e Latour buscam reestruturar a Sociologia, criando métodos e conceitos para repensar o conceito de sociedade, ainda que surjam questões sobre o modo de atuação dos indivíduos. Pode-se afirmar, assim, que o processo de reconstrução sociológica é constante, na medida em que se desenvolve uma pluralidade teórica e metodológica. Para concluir a discussão proposta sobre a renovação constante das teorias sociológicas serão apresentadas as contribuições de Charles Taylor e Pierre Bourdieu. Partindo do pressuposto de que não há exterioridade e distanciamento do pesquisador ante a sociedade, as análises

de Taylor e Bourdieu mostram como é possível pensar sociologicamente sem a epistemologia moderna. Ambos defendem a impossibilidade de ruptura entre as teorias sociológicas e outras formas de conhecimento (Filosofia e Psicologia, por exemplo), como desejavam os pioneiros das Ciências Sociais; ao contrário, os diálogos entre diferentes perspectivas teóricas abrem novos horizontes a serem alcançados pela Sociologia contemporânea⁸.

Charles Taylor (2000), no capítulo IX da obra *Argumentos Filosóficos*, propõe a seguinte indagação: o que significa seguir uma regra? E, se agir conforme uma regra pressupõe consciência e conhecimento, como é possível pensar um tipo de ação pré-reflexiva? Taylor defende a existência de uma compreensão corporificada capaz de superar os pressupostos epistemológicos da definição de sujeito livre, racional, autônomo. O autor questiona os atos subjetivos regulados pela razão ao afirmar que os sentidos das ações se apresentam de modo inarticulado para os agentes, ou seja, a compreensão de uma regra pode ocorrer sem reflexão consciente.

A perspectiva intelectualista monológica dominante defende a subjetividade fundada sobre a concepção moderna de sujeito responsável, consciente

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS EPISTEMOLÓGICAS

de suas ações (intencionalidade da consciência) e emancipado pela razão. Mas Taylor afirma que “o sujeito não só não tem como não pode ter consciência de toda uma gama de questões que, não obstante, têm influência direta sobre a correta aplicação de uma regra” (TAYLOR, 2000, p. 181). Segundo Taylor, a tradição epistemológica desencadeou uma *reificação* do eu desprendido, como se os indivíduos fossem entidades autônomas e independentes em relação aos aspectos sociais:

Entre as práticas que ajudaram a criar esse sentido moderno estão as que disciplina nosso pensamento para o desprendimento da ação corporificada e da inserção social. Conclama-se cada um de nós a tornar-se uma mente pensante, responsável, autoconfiante em seus julgamentos (isso é, pelo menos, a regra). Mas esse ideal, embora admirável em alguns aspectos, tendeu a nos deixar cegos a importantes facetas da condição humana. Há em nossa tradição intelectual a tendência a lê-lo menos como ideal do que como algo já estabelecido na constituição humana (TAYLOR, 2000, p. 185).

A tradição epistemológica moderna, conforme foi discutido, influenciou a Sociologia ao pressupor um sujeito monológico, pautado sobre a capacidade de emitir representações sobre o mundo exterior e definir as finalidades de suas ações. Segundo Taylor, “É essa visão descarnada do sujeito que mergulhou profundamente na ciência social”

(TAYLOR, 2000, p. 185). Taylor recorre ao conceito de *habitus*, construído por Pierre Bourdieu, para elaborar a ideia de compreensão corporificada. O *habitus* é precisamente a forma pela qual a regra e as compreensões se incorporam às ações, no sentido de disposição corporal, de “valores feitos carnes” (TAYLOR, 2000, p. 194). A compreensão corporificada considera que as regras “expressas só podem funcionar em nossa vida ao lado de um sentido inarticulado codificado no corpo. É esse *habitus* que ‘ativa’ as regras” (TAYLOR, 2000, p. 195). As ações, mesmo sustentadas pelas regras, não são totalmente conhecidas e controladas pelos atores, podendo gerar incertezas em relação a suas consequências não-intencionais.

Na medida em que mobilizam sentidos nem sempre explícitos ou partilhados por todos os agentes envolvidos, as práticas sociais ultrapassam os parâmetros modernos de subjetividade. Os aspectos imprevisíveis ou mesmo incoerentes das ações (obedecer, cegamente, a uma regra, por exemplo) seriam desconsiderados pela epistemologia moderna, pois só podem ser conhecidos a partir da compreensão dos sentidos inarticulados das práticas:

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS EPISTEMOLÓGICAS

Situar nossa compreensão nas práticas é vê-la como implícita em nossa atividade e, por conseguinte, como algo que ultrapassa em muito aquilo de que conseguimos moldar representações. Nós de fato moldamos representações: formulamos explicitamente o que é nosso mundo, quais nossas metas, o que estamos fazendo. Todavia boa parte de nossa ação inteligente no mundo, sensível como costuma ser à nossa situação e às nossas mentes, é levada a efeito sem ser formulada. Ela advém de uma compreensão que é em larga medida inarticulada (TAYLOR, 2000, p. 186).

A compreensão corporificada permite reunir, sem contraposições, indivíduos e sociedade, pois as práticas individuais são inseparáveis dos contextos sociais, conforme conclui Taylor: “grande parte da ação humana só ocorre na medida em que o agente se compreende como parte integrante de um ‘nós’ e como tal se constitui a si mesmo” (TAYLOR, 2000, p. 188). Em suma, Taylor defende a ruptura com os referenciais modernos para ampliar a noção de subjetividade, incluindo os aspectos não articulados das ações e os fatores sociais que envolvem as práticas individuais.

Pierre Bourdieu (2007), conforme já mencionado, complementa a ideia de compreensão corporificada e inarticulada através do conceito de *habitus*, ao investigar as disposições pré-reflexivas dos agentes. Se Taylor desenvolve o conceito de compreensão corporificada para mostrar o processo de incorporação das regras

sociais no comportamento individual, Bourdieu defende o conhecimento adquirido pelo corpo, uma compreensão prática envolvendo disposições e regularidades introduzidas nos indivíduos na medida em que são socializados:

Tendo adquirido por esse motivo um sistema de disposições ajustado a tais regularidades, o corpo se acha inclinado e apto a antecipá-las praticamente em condutas que mobilizam um *conhecimento pelo corpo* capaz de garantir uma compreensão prática do mundo bastante diferente do ato intencional de decifração consciente que em geral transparece na ideia de compreensão (BOURDIEU, 2007, p. 166 – grifos do próprio autor).

Bourdieu afirma que a noção de *habitus* contribui para pensar a relação indivíduo-sociedade sem aderir a um único aspecto da interação, ou seja, sem opor os aspectos subjetivos aos elementos sociais externos. Na verdade, está em jogo a própria noção de exterioridade, pois o social não é uma força coercitiva que se diferencia e se sobrepõe aos indivíduos, como queria Durkheim, mas um complexo no qual se torna impossível separar os elementos subjetivos dos coletivos.

A noção de *habitus* se diferencia das análises reducionistas, que, ou consideram apenas as ações individuais plenamente dotadas de subjetividade e do cálculo racional do agente, ou defendem a coerção externa do social sobre os

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS EPISTEMOLÓGICAS

indivíduos. Mas as ações e as percepções construídas pelo *habitus* “permitem tanto operar atos de conhecimento prático, [...], como também engendrar, [...], estratégias adaptadas e incessantemente renovadas, situadas, porém nos limites das constrictões estruturais de que são produtos e que as definem” (BOURDIEU, 2007, p. 169). A análise de Bourdieu unifica a tradicional oposição entre indivíduo e sociedade: “O agente envolvido na prática conhece o mundo [...] num sentido bastante razoável, sem distância objetivante, [...]. Ele se sente em casa no mundo porque o mundo também está nele sob a forma do *habitus*, necessidade tornada virtude” (BOURDIEU, 2007, 174). Bourdieu pretende, então, situar-se além do objetivismo e do subjetivismo:

Não é possível ater-se à visão **objetivista**, conducente ao fisicalismo, e para a qual existe um mundo social em si, que se pode tratar como uma coisa, estando o erudito em condições de tratar os pontos de vista dos agentes, forçosamente parciais e partidários, como meras ilusões. Tampouco se pode ficar satisfeito com a visão **subjetivista**, ou marginalista, para a qual o mundo social não passa do produto da agregação de todas as representações e de todas as vontades. A ciência social não pode se reduzir a uma objetivação incapaz de dar lugar ao esforço dos agentes para construir sua representação subjetiva deles mesmos e do mundo, [...]; ela não pode se resumir a um registro das sociologias espontâneas [...]. (BOURDIEU, 2007, p. 230 – grifos nossos).

Assim, a superação dos dilemas epistemológicos modernos permite o desenvolvimento de diversas perspectivas sociológicas. Taylor e Bourdieu mostram não haver oposição indivíduo-sociedade, pois seria impossível um distanciamento objetivo entre ambas as partes, visto que a própria existência individual está plenamente enredada ao mundo social. No entanto, os autores trazem à tona mais um elemento problemático para as pesquisas sociológicas, também colocado sob suspeita: a subjetividade dos indivíduos pode ser alcançada pela Sociologia, já que os autores defendem a importância dos atos não-intencionais e subjetivos para compreender as ações sociais?

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DIVERSIDADE E RENOVAÇÃO DA SOCIOLOGIA

Finalizando a discussão sobre os dilemas epistemológicos e as diferentes perspectivas sociológicas surgem mais questionamentos do que certezas. As teorias sociais se empenham na investigação da sociedade, ao mesmo tempo em que precisam renovar constantemente. A diversidade de abordagens metodológicas e teóricas mostra que a objetividade do conhecimento é inalcançável para a Sociologia. Trata-se de um pressuposto indispensável para o

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS EPISTEMOLÓGICAS

êxito da análise sociológica, visto que a teoria é uma atribuição de sentido para interpretar a *vida social*, sendo esta uma construção interminável, sem regras prévias e fixas, impossível de ser apreendida na sua completude.

Analisar a sociedade, em suas infinitas partes, significa, enfim, considerá-la não como uma realidade pronta para ser apreendida pelo pesquisador, mas como uma dinâmica de ações e atores entrelaçados em seus próprios sentidos, sendo a subjetividade dos indivíduos um aspecto importante a ser considerado. Após as tentativas aqui apresentadas de superação da epistemologia moderna torna-se mais claro que não há uma distinção efetiva entre o pesquisador (sujeito) e seus “objetos” pesquisados, tampouco há uma separação entre as dimensões individuais e sociais da existência humana. Renovar a Sociologia significaria abandonar a separação sujeito-objeto, pois não há um mundo exterior a ser apreendido no decorrer das pesquisas, assim como não há uma realidade em si, um objeto de estudo único a ser conhecido exteriormente pelo pesquisador. Nada mais adequado à Sociologia senão acompanhar as mudanças empíricas (históricas, sociais etc.) construindo perspectivas capazes de compreender e analisar os fenômenos sem enquadrá-los previamente em conceitos

cristalizados. Cabe, afinal, aos sociólogos contemporâneos a tarefa de assumir a herança dos clássicos e superar os impasses deixados por esse legado.

ABSTRACT

The article proposes a debate about how current theories appropriate the discussions started with the classics of Sociology and how they constantly reconstruct the methods and objects of sociological study. Thus, will be investigated the references of modern epistemology present in classical theories and their influence on the present. It is necessary to put under suspicion the Sociology epistemological assumptions: consider society as an external reality and objectified, transforming the data and the results obtained in the research as truthful and definite, and the misleading separation between subject and object. This suspicion also means rethinking the very notion of "society" through contemporary authors with different perspectives (Luhmann, Latour, Taylor and Bourdieu). Finally, we seek to demonstrate, without prescriptive claims, that the theoretical diversity and constant peculiarities can be virtuous for Sociology development.

KEYWORDS: Sociology, Epistemology, Society.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS
EPISTEMOLÓGICAS

COMTE, Auguste. *Seleção de textos*. Tradução de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DESCARTES, R. *Discurso do Método; Meditações*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Jr. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DURKHEIM, E. *Sociologia*. Organização de J. A. Rodrigues. Tradução de Laura Natal Rodrigues. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1978.

GIDDENS, A. *Política, Sociologia e Teoria Social: encontros com o pensamento clássico e contemporâneo*. Tradução de Cibele Saliba Rizek. São Paulo: Unesp, 1998.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo* (Partes I e II). Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2002.

HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2006.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1982.

KUHN, Thomas. *O caminho desde A Estrutura*. Tradução de Cesar Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LATOUR, Bruno. *Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red*. Tradução de Gabriel Zadunaisky. Buenos

Aires: Manantial, 2008.

LUHMANN, Niklas. *Introdução à teoria dos sistemas*. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis: Vozes, 2009.

LUHMANN, Niklas. *A Nova Teoria dos Sistemas*. Tradução de Eva Machado Barbosa Samios. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Goethe Institut, 1997.

MARX, Karl. *História*. Coletânea e Tradução de Florestan Fernandes. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1983.

MERLEAU-PONTY, M. *O Visível e o Invisível*. Tradução de José Arthur Giannotti e Armando D'Oliveira. São Paulo: Perspectiva S.A., 1984.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *Obras escolhidas*. Tradução de Vergílio Ferreira. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1973.

TAYLOR, Charles. "Seguir uma regra". *Argumentos Filosóficos*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

WEBER, M. "A Objetividade do Conhecimento nas Ciências Sociais". *Sociologia*. Tradução e Organização de Amélia Cohn e Gabriel Cohn (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1979.

¹ Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFJF. E-mail: joanalib@yahoo.com.br

² Segundo Anthony Giddens, os Clássicos da Sociologia são "fundadores que ainda falam para nós com uma voz que é considerada relevante"

SOCIOLOGIA E SOCIEDADE: ALGUMAS PERSPECTIVAS E SUSPEITAS EPISTEMOLÓGICAS

(GIDDENS, 1998, p. 15). Consensualmente, considera-se que Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber são os autores responsáveis pela consolidação das Ciências Sociais como um campo específico, autônomo e independente das demais formas de conhecimento; além dos três teóricos consagrados, Auguste Comte também integra a linhagem dos “pais fundadores” da Sociologia.

³ Os fundamentos filosóficos modernos, consolidados com as obras de René Descartes (1979) no século XVII, e desenvolvidos até culminar com a revolução copernicana empreendida por Immanuel Kant (2001) no século XVIII, podem ser resumidos da seguinte forma: os objetos são conhecidos através das representações construídas pelo sujeito (entendimento) a partir dos dados empíricos (sensibilidade). O problema da postura moderna, especificamente para o método sociológico, é pressupor a exterioridade dos objetos, no caso, a sociedade, em relação ao pesquisador, além do pressuposto de que o sujeito cognoscente é responsável por validar e garantir a objetividade do conhecimento devido à sua capacidade racional.

⁴ Convém mencionar a importância de Karl Marx e Friedrich Engels para a formação das Ciências Sociais, pois são autores que contribuíram para diferentes áreas das Ciências Humanas. No entanto, o método e as teorias de Marx e Engels não serão abordadas aqui. Por ora, basta indicar a relevância do Materialismo Histórico-Dialético para compreender as relações sociais: ao combaterem o Idealismo Alemão, Marx e Engels defendem a interação dialética envolvendo indivíduo e sociedade, na medida em que “as circunstâncias fazem os homens tanto quanto os homens fazem as circunstâncias” (MARX; ENGELS, 1983, p. 204). Assim, Marx e Engels fundam um novo método através de uma abordagem epistemológica própria e se diferenciam das metodologias desenvolvidas pelos demais clássicos da Sociologia.

⁵ Exemplo dessa capacidade renovadora do conhecimento encontra-se na *transvaloração* filosófica defendida por Friedrich Nietzsche. Tão revolucionária quanto devastadora, a crítica nietzschiana desconstruiu os fundamentos sobre os quais a Filosofia se apoiava: “O mundo tornou-se novamente ‘infinito’ para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele *encerre infinitas interpretações*” (NIETZSCHE, 2004, p. 278 – grifos do próprio autor). A filosofia nietzschiana desmascara a pretensão de atingir o conhecimento verdadeiro e objetivo, tal como desejam os filósofos e os cientistas: “essa vontade de verdade, de ‘verdade a todo custo’, esse desvario adolescente no amor à verdade – nos aborrece: [...] Já não cremos que a verdade continue verdade,

quando se lhe tira o véu...” (NIETZSCHE, 2004, p. 14-15). Esta remissão ao filósofo deve-se ao caráter extemporâneo de sua obra e pela sua defesa do *método da suspeita*, revelando que o conhecimento é uma perspectiva gerada por interesses subjetivos e interpretações conceituais sem validade objetiva.

⁶ Ao recusar a busca pelo conhecimento verdadeiro sobre a realidade, Latour mostra que algumas perspectivas teóricas atuais são herdeiras do estruturalismo e, de certa forma, da sociologia crítica de Pierre Bourdieu (LATOURE, 2008, p. 220); tais tendências desconsiderariam a importância dos atores para pensar a sociedade. Latour teme que a sociologia crítica se torne uma “teoria conspirativa” (LATOURE, 2008, p. 217) empregada pelos investigadores que reduzem os indivíduos a meros objetos de estudo. Além disso, Latour questiona o uso das pesquisas enquanto instrumentos de intervenção social “militante”, ou seja, que possuem pretensões prescritivas (conscientizar as pessoas sobre os problemas investigados pelos pesquisadores, por exemplo) e desprezam a atuação reflexiva e independente dos indivíduos.

⁷ A abreviação usada, TAR, corresponde à sigla em inglês, ANT, para Actor-Network-Theory. Bruno Latour (2008) aproveita a coincidência entre a sigla ANT e a sua tradução literal (em inglês, a palavra “ant” significa “formiga”) para comparar o trabalho sociológico a passos de formigas, que apenas farejam o caminho, enxergando precariamente.

⁸ Torna-se relevante mencionar, novamente, a influência da Filosofia sobre as Ciências Sociais, no que diz respeito à superação da epistemologia moderna. A necessidade iminente de reconstruir o conhecimento filosófico no Século XX, após a crítica nietzschiana, proporcionou a formação de novos fundamentos teóricos: a Fenomenologia de Husserl (2006), o método da Intuição de Bergson (2005), as ontologias fenomenológicas de Heidegger (2002), Merleau-Ponty (1984) e Sartre (1973). São importantes contribuições para as teorias sociológicas contemporâneas, por se tratarem de abordagens que buscam reformular os pensamentos filosóficos e científicos sem reproduzir os pressupostos da metafísica e da epistemologia modernas. A reconstrução da Filosofia surge, então, como um tipo de resposta a todas as suspeitas denunciadas por Nietzsche em relação às tentativas de atingir o conhecimento verdadeiro.